

## Dois momentos da coleção Aparai no Museu Paraense Emílio Goeldi: Curt Nimuendajú em 1915 e Otto Schulz-Kampfhenkel em 1935-37

Two moments of the Aparai collection in Museu Paraense Emílio Goeldi: Curt Nimuendajú in 1915 and Otto Schulz-Kampfhenkel in 1935-37

Claudia Bucceroni Guerra<sup>\*</sup>; Alegria Benchimol<sup>\*\*</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta resultados de pesquisa que teve por objetivo esclarecer dúvidas referentes à documentação de 206 objetos do povo indígena Aparai, coletados e depositados no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) por Curt Nimuendajú e Otto Schulz-Kampfhenkel. A fundamentação teórica se baseou nos conceitos de documento e informação e nas premissas de reconhecidos autores dos campos da Museologia, Ciência da Informação, História, entre outros. A metodologia utilizada incluiu pesquisa documental, com viés histórico, para cotejar as trajetórias dos dois alemães na Amazônia e verificar se os dois pesquisadores participaram juntos de expedições às margens dos rios Jari e Paru, e se conjuntamente depositaram ou não objetos etnográficos no MPEG. Os resultados indicam que os referidos objetos aparai foram depositados no Museu, em 1915 por Curt Nimuendajú e entre 1935-1937 por Otto Schulz-Kampfhenkel.

Palavras-chave: Museologia. Documentação em museus. Curt Nimuendajú. Otto Schulz-Kampfhenkel. Museu Paraense Emílio Goeldi.

**Abstract:** This paper presents results from a research that aim to clarify doubts regarding the documentation of 206 objects of the Aparai indigenous people, collected and deposited at Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) by Curt Nimuendajú and Otto Schulz-Kampfhenkel. The theoretical foundation is based on the concepts of document and information and the premises of renowned authors of the fields of Museology, Information Science, History, among others. The methodology used included documentary research with historical bias to compare the trajectories of the two Germans in the Amazon and to verify if the two researchers participated together in expeditions along the Jari and Paru rivers, and jointly deposited or not ethnographical objects in MPEG. The results indicate that these Aparai objects were deposited in the Museum in 1915 by Curt Nimuendajú and between 1935-1937 by Otto Schulz-Kampfhenkel.

Key-words: Museology. Museum documentation. Curt Nimuendajú. Otto Schulz-Kampfhenkel. Museu Paraense Emílio Goeldi.

### 1. Introdução

A motivação para esta investigação encontra-se no fato de existir no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), situado em Belém do Pará, 206 objetos etnográficos produzidos pelos índios Aparai<sup>1</sup> registrados em quatro documentos da Instituição de

---

<sup>\*</sup> Professora adjunta do Departamento de Técnicas Documentais da UNIRIO com doutorado em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/UFRJ. guerracla@gmail.com

<sup>\*\*</sup> Tecnologista do Museu Paraense Emílio Goeldi com doutorado em Ciência da Informação pelo convênio IBICT/UFRJ. alegria.benchimol@gmail.com

<sup>1</sup> O povo indígena Aparai (Aparai ou Apalai) é de língua karib e habita em aldeias estabelecidas às margens do rio Paru de Leste, no extremo norte do Estado do Pará (VELTHEM; LINKE, 2010). Segundo levantamento do Siasi/Sesai (2014), há, atualmente, 514 índios Aparai no Pará. De acordo com dados de

forma ambígua. Em três destes documentos (1939-1940; 1955 e 1982), os objetos são apresentados como uma mesma coleção atribuída conjuntamente a Curt Nimuendajú (CN) e a Otto Schulz-Kampfhenkel (OSK), com reflexo na documentação dos objetos no que diz respeito aos dados dos campos informacionais **coletor, data e procedência** que, da maneira como estão preenchidos, podem indicar imprecisão e induzir quem os estuda a entendimento incorreto.

No quarto documento analisado, intitulado *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi* (1921), dos 206 objetos aparai estudados neste artigo, constam registrados apenas 95 depositados no MPEG, coletados por Nimuendajú, em 1915. Esta informação é um forte indício de que, em algum momento na história da documentação da coleção etnográfica do Museu, esses 95 objetos foram agrupados com outros do mesmo povo indígena, coletados por Schulz-Kampfhenkel, em expedição entre 1935 e 1937.

Ao se iniciar o estudo, a questão levantada foi: quem coletou, afinal, estes 206 objetos aparai? Nimuendajú em sua primeira expedição científica na Amazônia em 1915? Schulz-Kampfhenkel, entre 1935-1937, às margens do rio Jari? Os dois coletaram conjuntamente em duas expedições nas datas referidas? Nimuendajú coletou os 95 objetos catalogados em 1921 e os outros são oriundos da expedição de Schulz-Kampfhenkel?

Sob esta ótica, o objetivo deste artigo foi esclarecer dúvidas referentes à documentação destes 206 objetos do povo indígena Aparai. Dos objetivos específicos constaram levantamentos direcionados aos objetos aparai, depositados em 1915 e 1935-1937, nos já mencionados documentos oficiais da coleção etnográfica (1921; 1939/1940; 1955 e 1982) bem como as trajetórias históricas das expedições dos dois pesquisadores alemães. O eixo teórico baseou-se nos conceitos de documento e informação e nas premissas de autores de diferentes campos de conhecimento envolvidos na pesquisa. Outras proposições permearam a pesquisa tais como documentação em museus, tema para o qual se recorreu, teoricamente, a autores da área.

A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou como técnicas de coleta de dados as pesquisa bibliográfica e pesquisa documental. As principais fontes consultadas foram

---

Camargo (2011), habitam na Guiana Francesa e no Suriname, respectivamente 40 e 10 índios desta etnia. Há mais de um século, os Aparai mantêm relações próximas e pacíficas com os povos Wayana, o que resultou em muitos casamentos e propiciou que muitos elementos culturais fossem trocados, gerando certa homogeneidade cultural, todavia preservando a especificidade de cada um dos dois povos (VELTHEM; LINKE, 2010). Para mais informações sobre esses dois povos indígenas ver: *Livro da arte gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut Pampila – Aparai zonony imenuru papeh* (VELTHEM; LINKE, 2010).

encontradas em importantes centros documentais em Belém e no Rio de Janeiro, explicitadas a seguir.

## 2. Fontes consultadas

Na biblioteca e no arquivo do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) foram pesquisados documentos oficiais relacionados à presença de Curt Nimuendajú entre os Aparai em 1915, e suas atividades no período em que Otto Schulz-Kampfhenkel esteve no Pará, em sua expedição de 1935-1937. A atuação deste último no Brasil e na região do rio Jari também foi pesquisada em documentos oficiais e cartas arquivadas no MPEG.

No Museu Nacional foram consultados documentos encontrados em três departamentos: Centro de Documentação de Línguas Indígenas - FCC/CELIN, a Seção de Memória e Arquivo- SEMEAR e a Biblioteca.

No CELIN, especializado em materiais linguísticos textuais e sonoros referentes às línguas indígenas, está depositada a correspondência de CN e entre cartas escritas em português e alemão foram encontrados indícios de que ele fez comentários sobre a expedição de OSK, mas nada que indique que eles estiveram juntos em algum momento entre 1935 e 1937. No SEMEAR não foram encontrados documentos referentes ao cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

Na Biblioteca do MN, há um farto acervo de periódicos e livros que abrange questões indígenas e citam a contribuição de CN, todavia não encontramos citações pertinentes sobre OSK. O mais importante registro encontrado e consultado foi o livro<sup>2</sup> que OSK escreveu em 1938 em alemão. A biblioteca possui um exemplar de 1940 traduzido para o inglês.

No arquivo do Museu de Astronomia e Ciências Afins se encontra toda a documentação da Comissão de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE) no qual existe um dossiê sobre a expedição de Schulz-Kampfhenkel. Ofícios e documentos oriundos ou endereçados aos outros museus citados encontram-se neste dossiê, a mais completa documentação sobre a expedição ao rio Jari de 1935-37. Mesmo assim informações sobre a biografia de Schulz-Kampfhenkel permanecem inconclusivas neste e nos outros acervos consultados.

---

<sup>2</sup> **Rätsel der Urwaldhöhle:** Ein Expeditionsbericht aus Amazonien von d. ersten Süd-Nord-Durchquerung Brasilianisch-Guayanas auf d. Rio Jary, publicado em 1938 – e traduzido para o inglês: Riddle of hell's jungle: Expedition to Unexplored primeval forests of the river Amazon (SCHULZ-KAMPFHENKEL, 1940).

### 3. Documentação da coleção etnográfica Aparai do Museu Paraense Emílio Goeldi (1915/1935-1937)

A documentação, na qual os 206 objetos aparai coletados em 1915 e 1935-1937 estão atribuídos, conjuntamente, a Curt Nimuendajú e Otto Schulz-Kampfenkel, encontra-se registrada em três dos mencionados documentos oficiais do MPEG denominados de: *Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi (1939-1940)*; *Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia (1955)* – Livro No. 1 e *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Pará (1982)* (Figuras 1, 2 e 3).

Nº act.	Nº novo.	Descrição
97	1	MON.14 Modelo de casa (Col. Schulz 1935 - 1937).
1030	2	MON.16 Testeira de couro de onça / (Curt Nimuendajú 1915).
27	3	MON.14 Testeira de casca com penas de arara na frente (Schulz)
1019	4	MON.14 Testeira de couro de onça / (Curt).
1012	5	MON.14 Diadema (Curt).
1020	6	MON.14 Penas de gavião real que // colocam atrás das diademas de couro de onça (Curt).

Figura 1 - Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi (1939-1940). Foto: as autoras, 2016

Registro	Descrição
1	Flechas com ponta de taquara (Schulz). - índios Aparai. Col. Curt Nimuendajú e Schulz Kampfenkel. 1915. 1935 - 1937. Rio Jary e Parú.

Figura 2 - Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia (1955). Foto: as autoras, 2016

Coleção	Coletor	Período	Objetos	Registros
Apalai	Nimuendajú, Curt & Kampfenkel, Schulz	(Col: 1935/1937)	1/	206
Ojala, A. M.	Tukano	(Col: 1928)	726/	729
Oliveira, Adélia de	Baniwã	(Col: 1971)	7611/	7657
	Jurúna	(Col: 1967)	11822/	11840
	Jurúna	(Col: 1968)	12068/	12070
	Mura-Pirahã	(Col: 1976)	12876/	12894

Figura 3 - Catálogo das Coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e da Universidade Federal do Pará (1982). Foto: as autoras, 2016

Pelos dados do documento datado de 1939-1940 (Figura 1), percebe-se que há informações sobre etnia (Índios Aparai), Coletores (Curt Nimuendajú e Otto Schulz-Kampfhenkel), datas (1915 e 1935-1937) e procedência (Rios Jary<sup>3</sup> e Paru). No documento de 1955 (Figura 2), a configuração é semelhante ao de 1939 -1940, notando-se, nos dois documentos, atribuição conjunta dos objetos aos dois coletores mencionados. Nota-se também que um novo número de registro foi dado aos objetos, entretanto a informação da numeração antiga pode ser vista na primeira coluna do lado esquerdo.

Na Figura 2 consta, no registro de número 1, a seguinte expressão: “col. Curt Nimuendajú e Schulz-Kampfhenkel”, informação que corrobora a ideia que os dois alemães formaram juntos a Coleção em foco. Entretanto, as datas são diferentes (1915 e 1935-1937) e os rios citados (Jari e Paru) situam-se em locais distintos, ainda que ambos sejam afluentes da calha norte do rio Amazonas. Nestes documentos de 1955, os objetos também receberam novo número de registro, entretanto, os números antigos não foram salvaguardados. Os dois primeiros documentos citados (1939/40 e 1955) apresentam configurações similares na forma de registrar os objetos, indicando os campos informacionais etnia, **coletor**, **data e procedência**, sendo os três negritados, campos cujas informações necessitam de clareza para fins documentais.

Embora, haja indícios nestes dois documentos para realizar, na documentação da instituição, a separação, por coletor, dos 206 objetos aparai, por outro lado, estes se tornam frágeis quando se analisa a mais recente publicação do MPEG (1982), de autoria de Ivelise Rodrigues e Napoleão Figueiredo. Nesta publicação, estão registrados os 206 objetos como coletados por CN e OSK, entre 1935-1937, sem ser mencionada a data de 1915 e a procedência dos objetos, existentes nos dois documentos anteriores. Nesta perspectiva, o registro da coleção “Nimuendaju, Curt & Kampfhenkel, Schulz”, agrupando os nomes dos pesquisadores e as datas 1935/1937, incorre no problema da simplificação e homogeneização dos objetos e suas informações, na medida em que oculta os dados históricos da pesquisa de campo, como a procedência, a data da coleta e, sobretudo, o coletor.

As informações da Figura 3 reforçam, mais uma vez, a dubiedade dos dados registrados e a necessidade de uma pesquisa, com viés histórico-documental, visando a sanar a imprecisão que permeia a documentação oficial destes objetos.

---

<sup>3</sup> Será utilizada, neste artigo, a grafia atual do rio, ou seja, Jari.

Nesta direção, a pesquisa, de caráter qualitativo, ultrapassou os limites da área/tema “documentação em museus” e ampliou seu campo de conhecimento lançando mão da História, utilizando o método de análise comparativo para traçar as trajetórias de Nimuendajú e Schulz-Kampfenkel, suas ligações com o Museu Paraense Emílio Goeldi e suas expedições na Amazônia, nos períodos propostos (1915 e 1935-1937), a fim de evidenciar se os dois pesquisadores depositaram ou não conjuntamente objetos etnográficos aparai na reserva técnica “Curt Nimuendajú”, vinculada à Coordenação de Ciências Humanas (CCH) do MPEG.

#### 4. Bases teóricas

O projeto “A documentação da Coleção Aparai (1915/1935-1937) do Museu Paraense Emílio Goeldi”, como o nome indica se debruçou sobre a documentação de objetos etnográficos<sup>4</sup> depositados nesta Instituição, direcionando desta forma, a discussão teórica para os temas: documento, documentação em museus, informação e história, etnologia entre outras proposições subjacentes.

O vocábulo documento é oriundo do latim *documentum*, de *docere*, que remete a ensinar, mostrar, informar (CUNHA, 2007). Posteriormente, o significado do termo evoluiu de “ensinar” para “provar”, mas apenas no século XIX, o sentido de “testemunho” é utilizado. Com o advento de uma nova forma do fazer histórico, relacionado ao lançamento da revista *Annales d'histoire économique et sociale*, em 1929, ocorreu também a subversão de alguns princípios. No domínio da Documentação, por exemplo, o termo foi ampliado, na medida em que uma história fundada essencialmente nos textos, no documento escrito é substituída por uma outra baseada “numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados, produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc.” (LE GOFF, 1990, p.28).

Já em 1934, Paul Otlet, no *Traité de Documentation*, definiu documento em bases mais abrangentes, adotando o termo livro para englobar todas as espécies de documentos. Para o autor, são documentos “não só o livro, manuscrito ou impresso, mas revistas, jornais e reproduções gráficas de todas as espécies, desenhos,

---

<sup>4</sup> Objeto etnográfico se consolidou e assumiu a importância que tem hoje quando saiu de seu contexto primário e passou a ser salvaguardado num museu. Todavia é preciso destacar que ele é criado em um contexto particular, referente a uma sociedade humana específica, na qual está inserido em vários planos: técnico, produtivo, estético, simbólico [...] Entretanto, não é o fato de um objeto ser utilizado numa aldeia indígena do Sul do Pará, vendido em um mercado popular no sertão de Pernambuco ou estar na casa de um agricultor de origem ucraniana em Santa Catarina que o transforma em objeto etnográfico. O que o caracteriza como tal é o fato de refletir sempre um processo de definição, de segmentação, de transposição a uma instituição pública ou privada (VELTHEM, 2012).

gravuras, cartas, esquemas, diagramas, fotografias, etc.” (OTLET, 1934, p.9). Em outro trecho de sua obra, o autor belga afirma que “[Documento] em seu conjunto, constitui a memória materializada da humanidade. [...] e é o receptáculo e o veículo de transmissão de ideia” (OTLET, 1934, p.43).

Nessa linha, a estudiosa francesa Suzanne Briet afirma que documento é “todo indício (sinal) concreto ou simbólico, conservado ou registrado com a finalidade de representar, de reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual” (1951, p.7). Embora a autora conserve o sentido primeiro de prova, cabe ressaltar que ela imputou ao termo documento uma abrangência maior, na qual também estão inseridos os objetos de museu. Para Briet, tudo pode tornar-se um documento desde que tratados como tal: uma estrela não é um documento, mas as fotografias de uma estrela em catálogos o são (BRIET, 1951, p.7). Nesse caminho, Rendón Rojas (1999, p.34), autor mexicano, considera o documento como a objetivação do pensamento e sustenta que ele pode se apresentar impresso, digitalizado ou em qualquer outro suporte.

Na visão de Meneses (2005, p.18), a “cultura material” possibilita compreender a dimensão material das relações sociais. A função documental viabiliza analisar os objetos em suas “múltiplas significações e funções”, os quais podem “assumir valores cognitivos, estéticos, afetivos e signícos”. No museu, a qualidade de documento se efetiva na “democratização da experiência e do conhecimento” para a sociedade. Tal transformação do objeto é denominada musealização, na qual a etapa da documentação reúne a informação processada na aquisição, na pesquisa, na conservação e na comunicação. Assim, com a ampliação do conceito de documento, os objetos etnográficos Aparaí coletados e depositados em dois momentos diferentes (1915 e 1935- 1937), no MPEG, podem ser considerados documentos quando musealizados.

Ainda neste ponto, pode-se considerar a coleta dos objetos indígenas um tipo de ação informacional. Conseqüentemente, a estrutura, a organização e o conteúdo dos objetos Aparaí são considerados como “unidades documentárias ou informacionais” que remetem aos agentes (pesquisadores, museólogos e aos próprios produtores) (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p.4) e às suas ações que organizam essas informações, criando lista dos objetos deste povo indígena com campos informacionais e salvaguardando o objeto físico na reserva técnica do museu. Estes campos informacionais e as características físicas do próprio objeto irão subsidiar a documentação nos museus. Neste sentido, para a autora (1999, p.4), ações de

informação podem antecipar e condicionar a “concepção ou aceitação de algo como informação”.

Seguindo a linha de pensamento de González de Gómez (1999), esta pesquisa se encontra no plano metainformacional cuja função é demarcar o contexto em que a informação tem sentido. Neste caso, dois contextos não articulados na origem - a expedição Nimuendajú de 1915 e a expedição Schulz-Kampfhenkel de 1935-37 - são artificialmente conectados no registro de entrada dos objetos Aparai, considerados artefatos de informação ou objetos de informação, que tramitam no meio da “cultura material” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p.5). O pensamento da autora nos leva a refletir não só sobre a necessidade de precisão na ação de documentar objetos quando de sua entrada num museu, mais do que isso, tal precisão deve ser uma prática informacional desde o campo, no ato da coleta do objeto até o registro documental e sua frequente revisão e atualização.

Os propósitos, as instituições envolvidas, as práticas profissionais e outras relacionadas com o processo de entrada dos objetos Aparai no MPEG fazem parte de práticas discursivas que agregam valor a estes artefatos em si, mas as práticas os procedimentos documentários utilizados, nas três publicações citadas, negligenciaram a pesquisa dos fatos envolvidos nas duas expedições, não levando em consideração a informatividade histórica envolvida em cada uma delas. Todavia, é preciso não perder de vista que, quando as citadas publicações foram elaboradas, as normas e padrões sobre documentação museológica tanto nacionais como internacionais ainda não tinham sido estabelecidos.

Hoje, este assunto está regulamentado na publicação de 2014, intitulada “Declaração de Princípios de Documentação em Museus e Diretrizes Internacionais de Informação sobre objeto de Museus: categorias de informação do Comitê Internacional de Documentação”, elaborada pelo CIDOC/ICOM. Tal publicação dita as diretrizes e normas para se documentar objetos em museus. Essa regulamentação corrobora a necessidade de se rever a documentação dos objetos Aparai e de relatar, registrando via documentos, o processo que vai alterar, nesta revisão, as informações referentes aos campos informacionais **coletor, procedência e data** de cada um dos 206 objetos.

Frohmann (2004, p.396) pensa a informatividade do documento como um processo mental, filosófico e de interpretação que requer determinadas práticas documentárias num movimento que consideramos como fenomenológico. Dentre as práticas citadas pelo autor, destacam-se duas que validam o tecido teórico aqui proposto: as propriedades das práticas documentárias têm historicidade, surgem, se



desenvolvem, declinam e desaparecem por circunstâncias históricas, além de estarem enraizadas nas instituições (FROHMANN, 2004, p.396-397).

Quando Frohmann estabelece a relação entre práticas documentárias e instituições, deve-se ressaltar que o ato de depositar objetos indígenas no MPEG, feito pelos pesquisadores Nimuendajú e Schulz-Kampfenkel, estabelece uma relação institucional, inicialmente de salvaguarda dos objetos; posteriormente, uma relação que envolve musealizar os objetos e seus desdobramentos, processo que resultará na transformação das informações agregadas aos mesmos em informações científicas. Ao dar entrada na reserva técnica do museu, objetos que outrora tinham significado na prática ritualística ou cotidiana para os Aparai, se tornam objetos para produção de novos conhecimentos, naquilo que Latour (2006, p.21) denomina “centro de cálculo”, o local de chegada de um movimento que leva a informação do mundo à inscrição, ao registro, da periferia ao centro, num movimento de redução. Subsequentemente ocorre o contrário, do centro ao mundo, num movimento de ampliação, no qual a informação é comparada com outras. Do coração da aldeia, às margens dos rios Jari ou Paru, para o mundo, passando pelo centro: o Museu Paraense Emílio Goeldi.

Latour (2001, p.41) considera estudar a representação científica por meio das expedições, estabelecendo um modelo abstrato, mas passível de explicar a relação entre a aldeia e o museu, entre as duas expedições e sua potência em criar conhecimento. A aldeia é o local da materialidade, multiplicidade e continuidade do mundo real, impossível de ser apreendida na sua totalidade (LATOUR, 2001, p.88).

O museu (ou o laboratório) é considerado pelo autor como o centro de cálculo, o lugar onde ocorre a redução, a padronização, e a circulação entre os pares, daquela informação coletada. Da aldeia ao Museu ocorre um processo de redução do mundo para “centro de cálculo” (LATOUR, 2006, p.32). Mas do Museu para o mundo do conhecimento ocorre a ampliação, a partir do momento em que essas peças serão registradas, medidas e comparadas com peças de outros povos indígenas de outras aldeias. Assim, do “centro de cálculo” ao mundo, ocorre uma rede de transformações que relacionam as “inscrições” (registros e objetos coletados) a outras “inscrições”, de outras regiões, transformando, do particular ao geral, conhecimento local em universal, num movimento de amplificação (LATOUR, 2001, p.88). Os 206 objetos Aparai ganham significado ampliado e ganham o mundo, na reserva técnica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Por outro lado, quando Frohmann (2004, p.397) afirma que práticas documentárias têm historicidade, é preciso que se considere o momento histórico das

duas expedições à região dos índios Aparai. O contexto histórico é um ponto crucial que separa as duas expedições, tornando-as diferentes em diversos aspectos. Os contextos temporais das expedições Nimuendajú/1915 e Schulz-Kampfhenkel/1935-37 são diferentes, como são distintos os pesquisadores envolvidos, suas formações, propósitos e ainda a localização geográfica, na qual foram coletados estes objetos. O conceito de “centro de cálculo” de Latour (2006, p.32) se opera também por contextualidade, sendo necessário o cotejamento entre os objetos coletados em 1915 e aqueles coletados em 1935-37 para se observar os propósitos dos pesquisadores e possíveis mudanças ocorridas e que influenciaram a cultura material dos Aparai num intervalo de aproximadamente 20 anos. Ao juntar as coleções, essa possibilidade de estudo foi praticamente abolida.

Quanto aos 206 objetos coletados, dada a natureza documental e bibliográfica da pesquisa, serão priorizadas as informações extrínsecas. Os procedimentos para a obtenção de informação do objeto etnográfico ou qualquer outro objeto museológico segundo os parâmetros de Ferrez (1994) referem-se às informações intrínsecas e extrínsecas dos objetos. A autora, apoiada em Mensch (1987), ao tecer considerações sobre a estrutura informativa do objeto afirma: “as informações intrínsecas são aquelas deduzidas do próprio objeto ao analisar suas propriedades físicas”. Denominam-se extrínsecas “aquelas que são obtidas de fontes extra objeto. Essas últimas permitem conhecer os contextos primeiros do objeto e podem ser adquiridas na entrada do objeto ao museu ou através de fontes bibliográficas” (FERREZ, 1994, p.66). Ainda no pensamento da autora,

[...] os objetos, como veículos de informação têm na conservação e na documentação as bases para transformar-se em fontes para a pesquisa científica e para a comunicação que, por sua vez, geram e disseminam novas informações (FERREZ, 1994, p.65).

## **5. Curt Nimuendajú, Otto Schulz-Kampfhenkel e a coleção etnográfica Aparai do Museu Paraense Emílio Goeldi**

A Coleção Aparai abrigada na Reserva Técnica “Curt Nimuendajú”, vinculada à Coordenação de Ciências Humanas, é composta por 221 objetos e foi depositada na Instituição por diversos coletores em épocas diferentes. Nesta pesquisa, contudo, o foco recaiu apenas sobre a documentação dos objetos Aparai depositados, em 1915, e acerca daqueles coletados entre 1935 e 1937, totalizando 206 objetos, número

obtido nos levantamentos realizados nos documentos datados de 1939-1940, 1955 e 1982.

Como já referido na Introdução, estes 206 objetos estão registrados, em três documentos da Instituição, como tivessem sido coletados por CN e OSK conjuntamente. Todavia, em consulta a um quarto documento intitulado *Catálogo das Coleções etnográficas do Museu Goeldi*, elaborado em 1921, por Nimuendajú verificou-se que se encontram registrados 95 objetos (do número 1492 ao 1580 e dos números 2102 a 2108) dos índios Aparai, que habitavam às margens do Rio Paru-Capucu<sup>5</sup>, coletados pelo próprio Nimuendajú em 1915. Nesta época, Schulz-Kampfenkel tinha 14 anos de idade, e ainda não tinha estado na Amazônia. Incontestavelmente, os dois não viajaram juntos em 1915 e esses objetos foram coletados e depositados no MPEG apenas por CN.

Nas Figuras 4 e 5, observam-se duas páginas do Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi (1921) nas quais estão registrados objetos coletados por CN em 1915.

1492	Aparai	...	R. Parú-	...	C. Nimuen-	..	Panela de barro.
1493		...	Capucu	...	dajú 1915	..	Idem, idem.
1494 - 1495		...		...		..	Idem, idem.
1496		...		...		...	Vaso oval de barro.
1497		...		...		...	Tigela de barro.
1498		...		...		...	Panela de barro.
1499		...		...		...	Capacete de penas para dança.
1500		...		...		...	Figura de pacú para a cerimonia das casbas.
1501 - 1502		...		...		...	Tipiti.
1503		...		...		...	Abano.
1504		...		...		...	Tecido de arumã para depositar algodão.

Figura 4 - Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi (1921).  
Foto: Autor, 2016.

2102	Aparai	...	R. Parú- Ca-	...	C. Nimuen-	...	Esteira.
			pujú		dajú 1915		
2103		...		...		...	Idem, para cobrir panelas.
2104		...		...		...	Peneira de arumã.
2105		...		...		...	Idem, com armação para colocá-la na boca da panela.
2106 - 2107		...		...		...	Tecido de arumã em que a fiandeira deposita o algodão.
2108		...		...		...	Manto de tauari para dança.

Figura 5 - Outros objetos Aparai registrados no Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi (1921).  
Foto: Autor, 2016

<sup>5</sup> Capucu é um afluente do médio rio Paru.

A Figura 4 mostra alguns objetos aparai registrados na publicação de 1921. Os objetos foram coletados por Nimuendajú, na expedição ao Rio Paru-Capucú em 1915. Observa-se que ao primeiro objeto (panela de barro) foi atribuído o número 1492 e ao último (pedaço de cuia para alisar a parte posterior da louça), que não é mostrado na Figura 5, foi dado o número 1580. Na Figura 5 aparecem mais sete objetos aparai, coletados no rio Paru-Capucú pelo pesquisador teuto-brasileiro, perfazendo um total de 95 objetos.

Pelos dados extraídos deste documento, inferimos que o início do agrupamento destes 95 objetos aparai com os coletados por OSK entre 1935-1937, na documentação oficial da coleção etnográfica do MPEG, ocorreu a partir de 1939, na publicação denominada de *Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi (1939-1940)*, mostrada na Figura 1, quando Schulz-Kampfenkel já havia concluído sua expedição ao rio Jari e depositado no MPEG objetos aparai. Constam desta *Relação*, os objetos catalogados em 1921, objetos depositados no museu após esta data e uma lista de peças registradas na publicação de 1921 não mais encontradas (extraviadas), na reserva, quando da elaboração da publicação de 1939/1940. A partir desta data, o agrupamento destes objetos foi sendo reproduzido nas documentações oficiais subsequentes da Instituição, e até o momento não se encontrou nenhum documento ou anotação que faça referência ou explique a mistura destes 206 objetos.

#### 4.1 - Curt Nimuendajú na Amazônia e suas relações com o MPEG

Curt Unkel nasceu na Alemanha, em Jena, em abril de 1883. Chegou ao Brasil em 1903 e até o ano de 1905, não se tem conhecimento de registros das atividades dele no país (NUNES PEREIRA, 1946). Conviveu com os Apapokuva-Guarani, entre 1905 e 1907, numa Aldeia do rio Batalha, no estado de São Paulo (SCHRÖDER, 2011), quando, na cerimônia do Nimongaraí (batismo) lhe foi atribuído o nome de Nimuendajú que, de acordo com o próprio alemão, significa “o sêr que cria ou faz seu próprio lar”<sup>6</sup> (NIMUENDAJÚ *apud* NUNES PEREIRA, 1946, p. 20).

Nimuendajú chegou à Amazônia em 1914 e no ano seguinte visitou os índios Aparai que viviam à margem do rio Paru, onde coletou 95 objetos deste grupo indígena, cuja documentação um dos focos deste artigo. A expedição aos Aparai, segundo Grupioni (1998, p.177), é a primeira expedição do alemão no Brasil. A partir

<sup>6</sup> Para informações detalhadas sobre o significado da palavra Nimuendajú, consultar Grupioni (1998, p.174).

desta visita, o pesquisador vai adquirir a expertise e os conhecimentos que farão dele um dos mais importantes antropólogos/etnólogos do Brasil. Entre 1935-1937, CN esteve entre os Canela, em Barra do Corda/MA, também entre os Apinayé e os Xerente no Tocantins (GRUPIONI, 1998, p.186).

O etnólogo alemão, naturalizado brasileiro em 1922, conheceu e pesquisou mais de 50 povos indígenas no Brasil, consagrando-se como o etnógrafo de campo que mais conheceu povos indígenas diferentes, dedicando-se à descrição de sociedades indígenas específicas, tais como os Canela, os Tukuna, os Apinayé, os Palikur, os Aparai, entre outras, das quais depositou 1.985 objetos na Reserva Técnica do MPEG, que hoje leva seu nome. Entre 1928 e 1930, Nimuendajú realizou duas expedições, no Brasil, financiadas por museus etnológicos da Alemanha visando a formar coleções para tais Instituições. De acordo com Schröder (2011, p.149),

Hoje em dia, coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú estão depositadas em museus etnológicos de cinco cidades: Berlim [135 objetos encontrados na reserva técnica], Dresden [273 objetos], Hamburgo [101 objetos ], Leipzig [613 objetos ] e Munique [34 objetos]

Todas as coleções já foram bem maiores, entretanto, devido às perdas ocorridas por ocasião da 2ª Guerra Mundial, o número de objetos encontrados nesses Museus reduziu-se muito. São objetos produzidos pelos povos indígenas Apinayé, Krikateyé, Kreapimkateyé, Guajajara, Pukobyê, Canela, Xerente, Krahô e Canela-Ramkokamekrã (SCHRÖDER, 2011.p.148). O autor não menciona objetos Aparai. É importante comentar que até 1933, não existia a obrigação de deixar no Brasil um exemplar de qualquer objeto levado ao exterior, norma que foi estabelecida apenas com a criação, nesse ano, do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE).

Ainda para o Museu Goeldi, Nimuendajú elaborou, em 1943, uma cópia do mapa etno-histórico do Brasil, desenhado à tinta nanquim, sem dúvida um trabalho meticuloso e que exigiu de seu construtor profundos conhecimentos de Etnologia, de História, de localização de tribos e seus deslocamentos pelo Brasil da época.

Mesmo sem nenhuma formação acadêmica, segundo Ribeiro (1979, p.12) Nimuendajú foi considerado um dos pais fundadores da etnologia brasileira, na medida em que “sua obra sozinha, é maior e mais importante do que a soma das de todos nós que fizemos etnologia antes e depois dele, até hoje em dia”. O etnólogo manteve relações com praticamente todas as instituições e órgãos do seu tempo (GRUPIONI,

1998). Para este autor, a vida e obra do alemão relacionam-se diretamente com a emergência da etnologia como disciplina no Brasil e a institucionalização do indigenismo nacional ocorridos no início do século [XX].

De acordo com Grupioni (1998, p.187-188), na trajetória de Nimuendajú, há um primeiro momento, marcado por sua atuação como indigenista, ora ligado ao SPI<sup>7</sup>, ora atuando por conta própria; num segundo momento, na qualidade de colecionador profissional, o alemão coleta, pesquisa e produz conhecimentos sobre os povos que visita. Finalmente, quando se associa ao pesquisador americano Robert Lowie, de 1935 até a morte de Nimuendajú, as coleções passam a ocupar um papel secundário e a produção de notas etnográficas e trabalhos sobre a organização social dos povos se sobressaem, revelando o seu lado pesquisador (GRUPIONI, 1998, p.185).

Segundo Pacheco (2014, p.80-82), profundas alterações afetaram a etnologia indígena sul-americana nos últimos 50 anos, fazendo com que a antropologia se tornasse cada vez mais uma disciplina universitária e diversificasse seus objetos de estudo. Os cursos de pós-graduação implantados no final da década de 1960 (USP e Museu Nacional) corroboraram essas mudanças. Nesse contexto, Nimuendajú que monopolizou quase que inteiramente o cenário da disciplina em três décadas (1930, 1940 e 1950) passa a ser considerado por antropólogos posteriores como um “mero etnógrafo”.

Na visão de Fernandes (*apud* Pacheco, 2014, p.82), mesmo reconhecendo Nimuendajú como a principal figura da etnologia brasileira do seu tempo, comparando-se com a esfera universitária, a produção do alemão passou a ser vista como tendo um valor menor. No entanto, é de fundamental importância não desconsiderar a conjuntura e o contexto da época em que foi produzida sua obra, a fim de reconhecer e constatar a contribuição, deste pesquisador, para o desenvolvimento da Etnologia na Amazônia e no Brasil. Por outro lado, num movimento comparativo, constata-se que o trabalho profícuo de CN destoa da ausência quase total de dados de cunho científico na trajetória de Schulz-Kampfenkel.

Nimuendajú, mesmo sem a chancela da academia, foi um autodidata fecundo intelectualmente que se destinou a coletar, pesquisar, ensinar e disseminar os conhecimentos que adquiriu em 40 anos de atividades dedicadas às tribos indígenas brasileiras. Schulz-Kampfenkel contribuiu, por obrigação legal, para o aumento do

---

<sup>7</sup> O Serviço de Proteção aos Índios (SPI) foi criado em 1910 e foi substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967, que vigora até os dias de hoje. Ver: <[https://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/orgao-indigenista-oficial/o-servico-de-protecao-aos-indios-\(spi\)](https://pib.socioambiental.org/pt/c/politicas-indigenistas/orgao-indigenista-oficial/o-servico-de-protecao-aos-indios-(spi))>.

acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi com o depósito de objetos Aparai, como exposto no subitem a seguir.

#### **4.2 - A expedição de Otto Schulz-Kampfhenkel na Amazônia entre os anos 1935-1937**

Otto Schulz-Kampfhenkel nasceu em Berlim, em 1910. As poucas informações que temos dele são inconclusivas e discordantes. Alguns jornais afirmam que ele era estudante de Zoologia outros que se diplomou em Filosofia, e há outros dando conta que ele era geógrafo. Os dados biográficos relatam que, aos 21 anos, realizou uma viagem científica à Libéria, na África, alguns anos antes de sua expedição ao rio Jari, na Amazônia.

A trajetória do alemão no Brasil durou aproximadamente dois anos e foi cercada de polêmicas e dúvidas. Nos arquivos consultados, a documentação se encontra diluída e, portanto, inconclusiva.

Nas instituições pesquisadas, Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), Museu Nacional (MN) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST) encontramos conjuntos documentais que relatam a passagem de OSK no Brasil, mais especificamente na Amazônia, entre os anos de 1935 a 1937.

No MPEG, foi encontrada bibliografia especializada sobre expedições estrangeiras; cartas, ofícios e documentos diversos sobre a passagem do pesquisador Schulz-Kampfhenkel pelo Pará e pela Instituição: no arquivo encontra-se alguma correspondência de Carlos Estevão de Oliveira (diretor da Instituição à época), que comentou a estadia de OSK e as demandas burocráticas de expedição.

Ofícios, cartas e telegramas localizados no MPEG se encontram repetidos no dossiê da Comissão Fiscalizadora de Expedições Artísticas e Científicas, *corpus* documental arquivado no MAST. Apesar dos poucos documentos encontrados nos arquivos, os registros mais importantes localizados no MPEG são os quatro documentos, já referidos, necessários para verificar como foram registrados objetos Aparai, coletados pelos dois pesquisadores. Na biblioteca da Instituição foram consultados livros que abordam o histórico dos Aparai e das expedições, mas com poucas menções ao pesquisador OSK.

No Museu Nacional, a documentação sobre os pesquisadores alemães se encontra diluída em três setores já citados: a biblioteca, o CELIN e o SEMEAR.

O primeiro registro de OSK no Brasil data de 13 de maio de 1935, quando a embaixada da Alemanha no Brasil enviou uma carta (CFE.T 2.039 d01 p.1 e p.2) ao Ministério da Relações Exteriores com o pedido de recepção e isenção aduaneira de equipamento dos cidadãos alemães Otto Schulz-Kampfenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause, que desejavam fazer uma viagem de estudos científicos nas bacias dos rios Jari e Paru. A solicitação incluía a autorização de entrada, sem ônus alfandegário, de um avião de pequeno porte cuja utilização consta no primeiro dos objetivos listados para a aceitação do governo brasileiro. Segundo o documento, os objetivos da viagem foram: experimentar a possibilidade de utilização de um avião de “sport” para estudos científicos; estudos zoológicos por meio de coleções e observação de animais; estudos geográficos e etnográficos; e produção de filmes culturais. (CFE.T 2.039 d01 p.1)

Como contrapartida, o organizador se dispõe a enviar às autoridades brasileiras cópias dos resultados obtidos: fotografias e artigos sobre os estudos publicados em revistas científicas. Ainda consta, um pedido de verificação da possibilidade de exportar o produto da viagem (animais, plantas e artefatos) para a Alemanha. O documento foi encaminhado para os órgãos competentes para decidir sobre a questão: o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE) e o Estado Maior do Exército (devido à utilização de um avião).

Ao chegar ao Brasil em maio, os pesquisadores Otto Schulz-Kampfenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause enfrentaram problemas burocráticos para começar a viagem, que demorou cerca de seis meses (13 de maio a 29 de outubro de 1935) para conseguir a autorização definitiva (CFE.T 2.039 d.61 p.1 e 2), devido a duas importantes questões: a primeira, polêmica, referia-se à autorização para sobrevoar o rio Jari, afluente do Amazonas num avião estrangeiro pilotado por dois estrangeiros. A legislação brasileira não permitia esse tipo de ação e o Estado Maior do Exército exigia a presença de um observador militar brasileiro presente no avião, o que seria impraticável, pois o avião em questão era de pequeno porte e só cabiam duas pessoas. Tal problema não era somente burocrático, era também uma questão de soberania nacional (CFE.T 2.039 d.6 p.1-2).

Por outro lado, ao chegar ao Brasil, a expedição não tinha a chancela de nenhuma instituição de pesquisa ou ensino alemã, o que provocou o estranhamento do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE). Num ofício de 11 de outubro de 1935, o presidente do CFE, Paulo Campos Porto escreveu ao ministro de estado da Agricultura questionando o fato da expedição não



estar vinculada a nenhuma instituição científica e os expedicionários (Schulz-Kampfhenkel, Kahle e Krause) não terem nenhuma titulação acadêmica (CFE.T 2.039 d.54).

Quatorze dias depois, o diretor do Museu Nacional, Alberto Betim Paes Leme, enviou uma carta ao presidente do CFE informando que OSK conseguiu o patrocínio de uma instituição alemã, o *Kaiser Wilhelm Institut fuer Biologie* de Berlim e, portanto, o Museu Nacional se comprometeria em também patrocinar o empreendimento (CEF.T 2.039 d.58 p.1-2). A partir desse documento, todos os empecilhos para a entrada dos pesquisadores alemães no rio Jari desapareceram e, no final do mês de outubro começou a viagem<sup>8</sup>.

Dentre os documentos pesquisados na Comissão de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, encontramos muitos recortes de jornais que noticiavam a expedição. Em nenhum deles consta qualquer desconfiança sobre um possível propósito político da expedição. Pelo contrário, a recepção da imprensa brasileira foi a mais positiva possível, exaltando a aventura “teuto-brasileira”<sup>9</sup>. Mesmo assim, a documentação levantada não responde quem é efetivamente Otto Schulz-Kampfhenkel e o que veio fazer no Brasil. Paira sobre sua figura a suspeição de ser um espião nazista.

Pela imprensa da época, o alemão era sempre descrito como jovem aventureiro. As informações são sempre as mesmas: local de nascimento, idade com que abandonou as salas da universidade do curso de zoologia e viajou para a Libéria, na África Ocidental, onde pesquisou pelos rios; ao retornar à Alemanha teve a ideia de utilizar um avião de pequeno porte em suas expedições e, com o patrocínio do Reich, veio ao Brasil executar seu plano de sobrevoar a bacia do rio Jari. Esse discurso se repete em todos os jornais que, no mês de agosto de 1935, noticiaram sua chegada ao país<sup>10</sup>. Não se localizou nenhum documento oficial da CFE, do Museu Nacional ou do Museu Goeldi que tenha um perfil biográfico do alemão.

De fato, Schulz-Kampfhenkel se descreve como um mero estudioso que ganhou de presente do governo alemão, por seu desempenho, a viagem à floresta amazônica conforme carta (Aide-Mémoire) da embaixada da Alemanha ao presidente

---

<sup>8</sup> Pela documentação pesquisada Otto Schulz-Kampfhenkel permaneceu no Brasil entre maio de 1935 e maio de 1937. Na selva, esteve entre final de outubro de 1935 até março de 1937, somando 17 meses na região do rio Jari.

<sup>9</sup> Sobre a recepção brasileira à expedição Schulz-Kampfhenkel ver: (JULIÃO, 2015).

<sup>10</sup> Ver os recortes: CFE.T 2.039 d.17, CFE.T 2.039 d.21, CFE.T 2.039 d.31 e CFE.T 2.039 d.32.

do CFE de 2 de outubro de 1935, na qual desmente se tratar de uma expedição científica e sim apenas uma “viagem de estudo” (CFE.T 2.039 d.49).

Smith e Black contrapõem essa versão ao afirmarem que OSK havia fundado o “Grupo de pesquisa de jovens naturalistas”<sup>11</sup>. Um pequeno grupo de estudantes pesquisadores que conseguiam financiamento do governo alemão e de indústrias para financiar expedições para lugares “inóspitos” e cuja maior propaganda foi exatamente a viagem ao Amazonas-Jari em 1935-37 (SMITH; BLACK, 1946, p.401). Ao contrário do que parecia ser, o pesquisador não era um mero estudante de 24 anos.

No arquivo do MPEG foram encontrados documentos que comprovam que Curt Nimuendajú não fazia parte da expedição de OSK. Uma lista indica que os componentes da expedição de 1935-1937 eram Otto Schulz-Kampfhenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause, e um brasileiro, de origem alemã, chamado Joseph Greiner, que morreu durante a expedição em 1936. Neste documento não é citado o nome de Nimuendajú. Por outro lado, há uma farta documentação, ofícios, listas de objetos coletados e cartas enviadas ao diretor do MPEG, Carlos Estevão, que indicam que entre os anos de 1935 e 1936 Nimuendajú se encontrava envolvido no estudo dos índios Canelas no interior do Maranhão<sup>12</sup>.

No arquivo do CELIN-MN encontramos cartas escritas por Nimuendajú nas quais fez comentários sobre Schulz-Kampfhenkel e sua expedição<sup>13</sup>. Citamos duas endereçadas ao seu amigo pesquisador Emil Snethlage. Em carta datada de 11 de janeiro de 1937, CN comenta estar impressionado pela estadia de dois anos de OSK no rio Jari junto com os Aparai, mas questiona este tempo, insinuando que levaria apenas um mês para recolher a quantidade de objetos coletados. Outra afirmação refere-se à existência de objetos Aparai coletados por ele mesmo [Nimuendajú] em 1915. CN termina dizendo que uma parte desta coleção, poderia ser vista no próprio MPEG ou no Museu da Philadelphia.

A segunda carta, escrita em 20 de março de 1938, CN comenta sobre os artigos de jornal que noticiaram o lançamento do documentário *Rätsel der Urwaldhölle* na Alemanha. As notícias afirmavam que OSK havia entrado em contato com uma

---

<sup>11</sup> Este grupo de jovens cientistas foi o núcleo de um importante departamento pertencente ao Supremo Comando das Forças Armadas do Reich, o *Oberkommando der Wehrmacht* (OKW) que disponibilizava precisas coordenadas geográficas úteis aos ataques do Eixo na Segunda Grande Guerra. Devido à sua participação como líder deste departamento, Otto Schulz Kampfhenkel foi preso após a derrota da Alemanha. Ver: (SMITH; BLACK, 1946).

<sup>12</sup> Ver também: (NIMUENDAJU, 2000).

<sup>13</sup> As cartas de CN endereçadas a diversas pessoas de seu grupo de amigos guardadas no CELIN-MN estão, em sua maioria, em idioma alemão, ainda não foram traduzidas.

tribo desconhecida e CN põe em dúvida tal afirmativa quando relata que todos os materiais coletados vêm dos Aparai, mas é impossível que seja uma "tribo desconhecida". CN questiona porque OSK não especificou por onde esteve, nem mostrou um mapa. A preocupação de CN era a repercussão contra os pesquisadores estrangeiros no Brasil, caso os reais planos da expedição de OSK fossem conhecidos, todavia, esses planos não foram especificados na carta.

As reais intenções de Schulz-Kampfenkel não ficaram claras, mas a sua contribuição para o acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi não ultrapassa o fato de ele ter depositado, por obrigação legal<sup>14</sup> objetos da etnia Aparai na Instituição. A conjuntura que envolve esta expedição vai além do campo da Etnologia, englobando outros conhecimentos como a História, a política e a comunicação.

## 5. Considerações

O cenário político e científico da Amazônia, no final do século XIX e início do século XX, cujo desenvolvimento esteve fortemente vinculado e dependente da extração da borracha, propiciou a consolidação do Museu Paraense como um Instituto de Pesquisa e Museu dedicado a coletar, pesquisar e comunicar resultados destas pesquisas. A presença de cientistas estrangeiros, na Amazônia, entre 1894 e 1914, principalmente suíços e alemães, nas atividades do Museu, pode ser explicada pela exigência de Emílio Goeldi de que seus auxiliares tivessem pós-graduação em Ciências Naturais, curso que inexistia na região naquele momento, além da publicação de trabalhos originais. Goeldi solicitou a sua rede de cientistas na Alemanha e Suíça que indicassem nomes habilitados para exercerem cargos de pesquisadores.

A análise da trajetória de dois pesquisadores alemães visando a esclarecer dúvidas na documentação de objetos etnográficos traduz, por outro lado, a ambiguidade inerente à relação entre um centro, a Europa, e a periferia, o Brasil e a floresta amazônica. Curt Nimuendajú, figura proeminente na região amazônica desde 1914, coletou e depositou 1.985 objetos etnográficos na reserva técnica do Museu Goeldi, que hoje leva seu nome. Passou 40 anos visitando povos indígenas, entre eles os Aparai, em 1915 e os Canela e Xerente entre 1935 e 1937. Suas relações com o MPEG não se limitaram às atividades administrativas ou à formação de coleções etnográficas. Ministrou três cursos de Etnologia, entre 1941 e 1944, nos quais abordou

---

<sup>14</sup> A partir de 1933, com a criação do Conselho das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, pelo decreto nº 22.698, de 11 de maio, os pesquisadores eram obrigados a depositar (depósito legal), no Brasil, um exemplar de cada objeto coletado em suas expedições. O Conselho visava a inspecionar, controlar e fiscalizar todas as expedições e bandeiras realizadas por estrangeiros ou por iniciativa de particulares em solo brasileiro.

aspectos materiais, econômicos e sociais de alguns povos indígenas, cotejava as culturas estudadas, além de dedicar-se a ensinar a família linguística Tupi-Guarani.

Assumi a chefia da Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia – nomenclatura daquela época para a atual Coordenação de Ciências Humanas – a qual era vinculada a coleção etnográfica, em 1920-21, período em que documentou (criou um catálogo) pela primeira vez os objetos etnográficos da Instituição. Entre os anos 1939-1940, outro período em que se dedicou à coleção etnográfica, foi feita, uma revisão da coleção e uma nova numeração atribuída aos objetos existentes. No entanto, é preciso que se reflita sobre contexto em que Nimuendajú elaborou o “Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi 1921” e sua revisão em 1939, quando as normas e padrões sobre documentação museológica tanto nacionais como internacionais ainda não tinham sido estabelecidas, como o são atualmente.

Quanto a Schulz-Kampfenkel, não houve real interesse, de sua parte, em constituir um conhecimento sólido naquilo que se propôs: estudar a fauna e a etnologia do povo do rio Jari. Seus registros se resumem a um livro e um documentário de teor mais “aventuresco” do que científico. No entanto, ao deixar, por depósito legal, parte dos objetos coletados no MPEG, sua contribuição deve ser considerada e estudada sob o ponto de vista museológico, etnológico e áreas afins.

Esses contextos históricos, relatados ao longo do texto, estão enraizados nas práticas documentárias, que se diferenciam nos dois pesquisadores alemães: Nimuendajú no contexto de constituição dos saberes etnológicos no Brasil no início do século XX e Schulz-Kampfenkel no momento em que o país ainda não se definia contrário ao projeto nazista e, portanto, permitiu que um alemão patrocinado pelo Reich sobrevoasse os afluentes do rio Amazonas num avião.

Tanto Nimuendajú quanto Schulz-Kampfenkel, em suas expedições aos rios Paru e Jari, atuaram como agentes de informação, ao depositarem os objetos do povo Aparai no MPEG e dando a esses objetos um sentido como “unidades documentárias ou informacionais”. Nessa rede que transforma objetos indígenas em documento e informação, o MPEG é o ponto central, o “centro de cálculo” latouriano para onde convergem saberes ancestrais indígenas, história e conhecimento científico.

Considerando, finalmente, o fato que os dois pesquisadores não estiveram juntos em expedições em 1915 e 1935-1937 e que já havia 95 objetos Aparai coletados por CN (em Anexo) registrados no *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi* (1921), será possível rever a documentação destes 206 objetos Aparai e atualizar as informações referentes aos campos informacionais **Coletor, Data e**

**Procedência**, cumprindo assim o objetivo principal deste artigo. Em anexo, no final do artigo, consta a lista dos 95 objetos catalogados por CN em 1915 e também a nova numeração dada a cada objeto em 1939-40. Não foi possível, analisando a publicação de 1955, verificar a terceira numeração dada a esses objetos por não constar na referida publicação referência aos números anteriores dos mesmos. Pelo anexo 1, é possível identificar os objetos depositados por Nimuendajú em 1915, concluindo-se por exclusão, que os outros 111 objetos registrados como sendo da Coleção Curt Nimuendajú – Otto Schulz-Kampfhenkel, foram coletados em 1935-1937, apenas por OSK.

No que se refere às informações etnográficas agregadas aos objetos para completar a documentação dos mesmos, será de competência da etnóloga Lucia Hussak van Velthem e índios Aparai fornecê-las, atividade que está prevista no Projeto “A documentação da Coleção Aparai do Museu Paraense Emílio Goeldi (1915/1935-1937)”, recentemente aprovado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), no Edital Universal/2016.

Estudar a trajetória, na Amazônia, dos pesquisadores alemães Curt Nimuendajú e Otto Schulz Kampfhenkel trazem à tona conhecimentos sobre a Ciência na Amazônia e no Brasil, e aspectos importantes sobre a documentação de objetos inseridos em museus, tendo como núcleo central a mais antiga instituição científica da região.

### **Agradecimentos**

**Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq) pelo apoio financeiro recebido.** Agradecem também a Antônio Lima (MN), Deize Bélgamo (pesquisadora autônoma), Hein van deer Voort (MPEG), Leandra Oliveira (MN), Lourdes Cristina Araújo Coimbra (MN), Lúcia Hussak van Velthem (MPEG), Luisa Maria Rocha (JBRJ/UNIRIO), Nelson Sanjad (MPEG), Maria José Veloso dos Santos (UFRJ), Maria das Graças Freitas Souza Filho (MN) pelas contribuições à essa pesquisa.

### **Referências**

BARBOSA, Raymundo Rodrigues. *Parecer N. 153*. Navegação aérea (Permissão para sobrevoar território nacional). Rio de Janeiro, 17 jun. 1935. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.

BRIET, Suzanne. *Que'est-ce que la documentation?* Paris: Éditions documentaires industrielles et techniques, 1951.

- FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. *Cadernos de Ensaio: estudos de Museologia*, Rio de Janeiro, n. 2, p.65-74, 1994.
- FROHMANN, Bernd. Documentation Redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. *Librarian Trends*, v.52, n.3, p.387-407, 2004.
- GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. O caráter seletivo das ações de informações. *Infomare*, v.5, n.2, 1999, [versão eletrônica].
- GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 1998.
- JULIÃO, André Gomes. Chô! Chô! Passarinho: a recepção brasileira às expedições científicas alemãs 1933,1942. *Dissertação* (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em História da Ciência. PUC-SP, 2015. Orientador: Profa. Dra. Silvia Irene Waisse de Priven.
- LATOURE, Bruno. Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (Orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no ocidente*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2ª ed., 2006. p.21-44.
- LATOURE, Bruno. Referência circulante: amostragem do solo da Floresta Amazônica. In: LATOURE, Bruno. *A Esperança de Pandora*. Bauru: EDUSC, 2001. p. 39-96 .
- LEGAÇÃO da Alemanha. [nota verbal]. 13 maio 1935, Rio de Janeiro [para] MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, Rio de Janeiro, 2f. Apresentação dos cidadãos alemães Otto Schulz-Kampfhenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause em um projeto de expedição pelos rios Jari e Paru. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.
- LEGAÇÃO da Alemanha. *Aide-Mémoire*. Rio de Janeiro, 2 out. 1935. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.
- LEGAÇÃO da Alemanha. *J.Nr. 596/35*. Rio de Janeiro, 30 out. 1935. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.
- LE GOFF, Jacques. *A História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEME, Alberto Betim Paes. [Carta] 25 out. 1935, Rio de Janeiro [para] PORTO, Paulo de Campos. Rio de Janeiro, 2f. Informa patrocínio do Museu Nacional a expedição ao Brasil do Snr. Schulz Kampfhenkel. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.
- MUSEU Paraense Emílio Goeldi. *Relação do Material Etnográfico do Museu Paraense Emílio Goeldi (1939-1940)*. Não publicado.
- MUSEU Paraense Emílio Goeldi. *Registro do Material Etnográfico da Divisão de Antropologia. 1955*. Não publicado.
- NIMUENDAJU, Curt. *Cartas do Sertão*. De Curt Nimuendaju para Carlos Estevão. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia /Assírio e Alvim, 2000.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Carta enviada a Carlos Estevão de Oliveira em 22 de junho de 1940. In: *Cartas do Sertão: de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão Oliveira*. Apresentação e notas Thekla Hartmann. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia; Assírio & Alvim, 2000. p. 281-283.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Catálogo das Coleções Etnográficas do Museu Goeldi (1921)*. Não publicado
- NUNES PEREIRA, Manoel. *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*, Belém, 1946. Disponível em: <<http://www.biblio.etnolinguistica.org>>. Acesso em: 19 set. 2008.
- OLIVEIRA, João Pacheco Filho. Curt Nimuendajú e a configuração da etnologia no Brasil. In: FAULHABER, Priscila; DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol; BORGES, Luiz Carlos(Org). *Ciências e Fronteiras*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2014. p.75-84
- OTLET, Paul. *Traité de documentation: le livre sur le livre, théorie et pratique*. Bruxelles: Mundaneum, 1934.

PORTO, Paulo de Campos. *Ofício N. 218*. Deliberação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil. Rio de Janeiro, 11 out. 1935. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.

PORTO, Paulo de Campos. *Certificado N.6/35*. Permissão para realização de estudos zoológicos pela expedição do Snr. Schulz Kampfenkel. Rio de Janeiro, 29 out. 1935. Arquivo do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil/MAST, pasta CFE.T 2.039.

RENDÓN ROJAS, Miguel Angel. Cuestiones epistemológicas de la ciência bibliotecológica y de la Information. *Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.31-37, jul./dez. 1999.

RIBEIRO, Darcy. Prefácio. In: GALVÃO, Eduardo. *Encontros de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RODRIGUES, Ivelise; FIGUEIREDO, Napoleão. *Catálogo das coleções etnográficas do Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará*. Belém: CNPq; INPA; MPEG, 1982.

SCHRÖDER, Peter. Curt Nimuendajú e os museus etnológicos da Alemanha. *Revista ANTRHOPOLOGICAS*, Recife, v.22, n.1, p.141-160, 2011.

SMITH, Thomas R., BLACK Lloyd D. German Geography: War Work and Present Status. *Geographical Review*, v.36, n.3, p.398-408, Jul. 1946.

SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Rätsel der Urwaldhölle: vorstoss in unerforschte urwälder des Amazonenstromes*, Berlin: Im Deutschen Verlag, 1938.

SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Riddle of hell's jungle: Expedition to Unexplored primeval forests of the river Amazon*. Londres: Hurst & Blackett, 1940.

VELTHEM, Lúcia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem. Quem são os Wayana? Quem são os Aparai? In: VELTHEM, Lúcia Hussak van; LINKE, Iori Leonel van Velthem (Org.). *Livro da arte gráfica Wayana e Aparai: Waiana anon imelikut Pampila – Aparai zonony imenuru papeh*. 96 p.

VELTHEM, Lúcia Hussak van. O objeto etnográfico é irreduzível? pistas sobre novos sentidos e análises. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciência Humanas*, v.7 n.1, p.51-66, jan-abr. 2012.

## ANEXO

Objetos Aparai coletados por Curt Nimuendajú, em 1915, às margens do rio Parú-Capucu

Objeto	No. de registro 1921	No. de registro 1939
Panela de Barro	1492	175
Idem, idem	1493	176
Idem, idem	1494-1495	179-180
Vaso oval de barro	1496	152
Tigela de barro	1497	205
Panela de barro	1498	204
Capacete de penas para dança	1499	13
Figura de pacú p/ cerimônia das cabas	1500	110
Tipiti	1501-1502	119-120
Abano	1503	127

Tecido de arumã p/depositar algodão	1504	128
Tira de palha p/cerimônia dos tapiaí	1505-1506	121-122
Enfeite dorsal de penas	1507	111
Enfeite dorsal montado em taboinha	1508	112
Cintos de algodão para homens	1509	72
Pares de chocalhos usados na perna	1510 -1511	47-48
Diadema	1512	5
Ligas	1513	19 e 19a
Figura de pássaro p/dança	1514	110
Bola de tauarí p/enxugar as mãos	1515	15
Vassoura	1516	114
Tanga para homem	1517	107
Cinto de couro de onça	1518	73
Testeira de couro de onça	1519 -1520	4 - 2
Cuias	1521 -1522	77-78
Pente de madeira	1523 -1524	39-40
Guizo de côco de inajá	1525	104
Pingente para homem	1526	105
Tampo de barro p/cabaço de água	1527	85
Penas de gavião real q/ colocam atrás das diademas de couro de onça	1528	6
Maço com 12 pontas de flechas envenenadas com curaré. Fabricadas pelos Tiriíó	1529	91
Casca de páo que dá o veneno dos Aparáí para as flechas	1530	98
Paósinho p/expremer o veneno da casca	1531	99
Instrumentos p/ formar ornamentos na camada de veneno na ponta das flechas	1532 -1533	96-97
10 cigarros de tauarí	1534	106
Flauta p/dança dos quaribas	1535	53
Idem, qdo voltam do trabalho p/ casa	1536-1537	54-55
Idem, de osso	1538	56
Espátulas	1539 -1540	184-185
Colher de craneo de coatá	1541	34
Concha de madeira	1542	35
Instrumento p/comprimir a cana da flecha	1543 -1544	79-80
Fio de caruá p/ ataduras das flechas	1545 -1546	100-101
Agulhas de ossos p/extrair pulgas	1547 -1548	60-61
Novelo de fio de algodão p/atadura das flechas	1549 -1550	102-103
Mandíbula de porco para alisar a madeira da flecha	1551	82



Ceról p/ cobrir atadura das flechas	1552 -1553	88-89
Ponta de taboca para buochar a parte posterior da flecha	1554 -1555	10-11
Brinquedo de tala	1556-1557	108-109
Objetos p/ fabricação de flechas	1558 a 1561	92 a 95
Cestinho para miudezas	1562	133
Idem, cilíndrico	1563	134
Paneiro para frutas	1564	135
Cestos compridos para guardar enfeites de penas	1565 -1566	136-137
Facho de mata-matá	1567	117
Vaso de barro em princípio da construção, mostrando a estrutura	1568	203*
Cuia com tinta mineral branca p/louça	1569	64
Idem, idem, idem amarela	1570	65
Idem, idem, idem azul	1571	66
Idem, idem, idem vermelha	1572	67
Jutaíca p/envernizar louça	1573 -1574	62-63
Pinceis p/ pintar louça	1575 -1576	58-59
Pedrinha p/alizar a parte interior do vaso	1577	86
Sabugo de milho p/raspar os pontos de demasiada grossura na louça	1578	87
Orelha de páo p/alizar beijos da louça	1579	83
Pedaço de cuia para alizar a parte posterior da louça	1580	84
Esteira	2102	123
Idem para cobrir panela	2103	124**
Peneira de arumã	2104	131
Idem c/ armação p/ colocar na boca da panela	2105	132
Tecido de arumã em q/ a fiandeira deposita o algodão	2106 – 2107	150-151
Manto se tauari para dança	2108	116

Fonte: Catálogo das coleções etnográficas do Museu Goeldi, 1921 e 1939-1940.

\*Objeto com igual descrição nos 2 catálogos, mas sem o número 1568, na publicação de 1939-40.

\*\* Na publicação de 1939-1940 este objeto está registrado como “esteiras para cobrir panelas”.

Data de recebimento: 25.01.2017

Data de aceite: 10.04.2017